



Esta obra possui uma Licença

[Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)



<https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/11772>

<http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v15i25.11772>

Margens: Revista Interdisciplinar | e-ISSN:1982-5374 | V. 15 | N. 25 | Dez., 2021, pp. 105-122

Submissão: 04/07/2021

Aprovação: 15/10/2021

DESCUIDOS SEM GÊNERO

GENDERLESS OVERSIGHTS

Paola ZORDAN  

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) ¹

Resumo: Este breve ensaio, ao estilo de bell hooks, retoma questões entre trabalho doméstico e institucional, tendo como elemento central a casa, a qual, em outros aspectos é nosso país e nosso planeta. O problema é atualizado para além de uma questão somente feminina a partir da psicopolítica de Byung-Chul Han, especialmente no que diz respeito aos contrangimentos sofridos pelos intelectuais e artistas brasileiros. O arder para fora da sociedade do cansaço gera um descuido, um não prestar atenção no que realmente se é. Não ter gênero é sentir-se fora de qualquer categoria e isto pode ser interessante para que se ultrapasse a falta de compaixão dos sujeitos do desempenho e se crie uma poética que afirme uma existência não subjugada.

Palavras-chave: Psicopolítica. Casa. Performance. Cuidado

Abstract: *This brief essay, in the style of bell hooks, remains issues between domestic and institutional work, having as its focus home, which, in other respects, is our country and our planet. The problem is updated beyond a female question based on Byung-Chul Han's psychopolitics, especially with regard to the constraints suffered by Brazilian intellectuals and artists. Burnout of the society of tiredness generates carelessness, not paying attention to what you really are. Not having gender is feeling out of any category and this can be interesting to overcome the lack of compassion of the performance subjects and create a poetics that affirms an unsubdued existence.*

Keywords: *Psychopolitics. Home. Performance. Care.*

¹ Professora do Departamento de Artes Visuais e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutora e Mestre em Educação, Bacharel em Desenho; Licenciada em Educação Artística. *E-mail:* paola.zordan@gmail.com

*“Minha existência é finita e
tenho um número limitado
de anos pela frente”*
(TOLOKONNIKOVA, 2019, p. 245)

NENHUMA COMPAIXÃO

Fiz meus estudos de mestrado junto a Michel Foucault, pensando e analisando modos de subjetivação feminina. Nas bordas de uma dissertação em torno de uma feminilidade idealizada e estereotipada, centrada na figura das *Princesas* (ZORDAN, 2019), escrevi um ensaio em torno dos cuidados domésticos que trazia como “saída”, a escrita de si. Publicado na Revista *Margens*, em 2008, constituía um texto paralelo que não “coube”, por assim dizer, no que se circunscreveu como pesquisa. Primeiramente porque não tratava de desenhos produzidos por tendências datadas, como as princesas veiculadas nas corporações de entretenimento que dialogavam com o dispositivo “pedagógico da mídia”(FISCHER, 1997) tratado pelas pesquisas da orientadora. Outro aspecto tomado como “problema” era o texto escrito em primeira pessoa, nem sempre considerado acadêmico e apropriado, ainda mais por não ser fiel ao estilo foucaultiano, pois trazia referências demais num tom assumidamente confessional. Tudo isso foi considerado inadequado por quem inicialmente o avaliou como produção resultante de uma disciplina. Ao me deter em situações que toda mulher passa, independente de ser pesquisadora, trouxe um tema, o cuidado com a casa e com as pessoas que temos em casa, sem aprofundar, como era esperado, discussões entre a esfera pública e privada. Também não tratei dos conceitos de Foucault de acordo com as exigências, pois trouxe autoras que, pelo que me diziam, “não combinavam”. Tinha lido apenas um texto de bell hooks, e, talvez, o fato de citá-la, provocadoramente em letras minúsculas como a própria sugere, assim como outras autoras feministas tenha causado repúdio e estranheza quando defendi, com mulheres, um tipo de escritura nem sempre afeito às arguições acadêmicas. Ter a produção rejeitada, especialmente quando os argumentos (tom confessional, estilo, falta de estudo, mistura de autores, tema incomodo, conceitos insuficientes, método confuso), mesmo por elementos contestáveis, nos marca. Até hoje, destarte todos aceites e inclusões, continuo com o extremo sentimento de inadequação que os juízos condenadores, em torno do muito que produzi, calcaram em tudo o que fiz. Por mais pertinente que fosse discutir como as mulheres, em especial às dedicadas a pesquisa e ao ensino, viviam “sob o fogo cruzado de coações contraditórias” (ZORDAN, 2008, p. 191), este e outros textos que publiquei pouco circularam. A sensação que fica, após duas décadas de produções acadêmicas nas quais me detive após dez anos de magistério em escolas básicas, se afirma na sentença que recebi em um parecer do Conselho Nacional

de Pesquisa e desenvolvimento (CNPq) é que, efetivamente, trata-se de uma produção sem impacto e irrelevante. Então, por que eu e tantas outras pessoas marcadas sob o signo de contínuas rejeições, seguem escrevendo, desenhando, criando projetos, assumindo tarefas? Por que não desistimos e simplesmente cuidamos da própria vida? Por que e não fazer somente o mínimo dentro da instituição universitária, que garante o mesmo sustento para os que não se submetem a tantos julgamentos? De algum modo, o convite de *Margens* para revisitar um texto que além de ter sido acolhido, traz o germe de um problema hoje escandido a todo Brasil, responde a uma resistência, a uma insistência, a um não se deixar esmorecer. Hoje, por uma comodidade, por cansaço, por falta de opção, de alguma forma, brasileiros se descuidaram e este descuido precisa ser pensado a partir de todas as tensões que envolvem o desfazer das relações, o sofrimento subjetivo e os adoecimentos cotidianos.

A tensão entre a vida doméstica e carreira não era uma discussão nova no irromper do século XXI, pelo contrário, chegava a ser clichê, a “mulher-mãe: a personagem central da casa” (Risério, 2015, p. 229) sempre esteve na berlinda dos pesquisadores. Porém, com bell hooks, aquele debate recaía em torno do trabalho intelectual e do espaço necessário ao pensamento. Estas contradições se instalam, inicialmente, na divisão do tempo, do espaço e do próprio corpo, em tarefas que contemplam duas instituições: o desempenho profissional e o atendimento à casa. *O cuidado feminino* foi escrito a fim de discorrer o que tratei como “embate diário de todas as mulheres”, colegas com que eu convivía e que testemunhavam “uma existência feminina onde atender a casa, a família, os alunos e mesmo outras pessoas, parece ser uma das ocupações fundamentais” (ZORDAN, 2008, p. 160). Quando lembro como era a minha vida na época que escrevi o texto, ainda professora de escolas, aprendendo a me tornar pesquisadora, e observe como vivo hoje, professora doutora em uma Universidade pública, vejo que as dificuldades daquele contexto eram irrisórias. Perto das que vivemos, eu e colegas, hoje, aquelas esperanças de uma saúde econômica de âmbito nacional, um projeto de nação que privilegiava a cultura e o acesso à Educação, tudo parece findo e destruído. Em termos pessoais, dificuldades podem ser vistas em vários âmbitos da vida de professores universitários, especialmente pelo deterioramento das relações, agora postas prioritariamente em mídias eletrônicas e não mais no cotidiano dos espaços ocupados corporalmente. E tudo isto se agrava quando se vive num lugar ainda mais insustentável do que o magistério: a de artista sem destaques e prêmios, sem propagação em mídias consumidas e, conseqüentemente, sem público. O que pensar se nem as pessoas que você mais ama, no seio da sua família, em nada se interessam pelo o que você faz, mesmo que tudo esteja publicado na rede, nos dispositivos que não tiram de suas mãos e de seus olhos, ignorando, todos os dias, sua presença, sua fala, seu corpo? Hoje, os problemas que aqui elenco

não são exclusivos da vida das mulheres, das professoras, tampouco dos artistas, sendo homens, mulheres, trans e cis, assexuados, seres sem classificação binária, todos estão envolvidos com os sintomas que agora assolam pessoas que estudam, trabalham, tem produção cultural e intelectual e tem uma casa para manter e cuidar. A partir de tudo isso, bell hooks traz uma perspectiva política que inclui a prática do amor, sem o qual não será possível transformação social. Ainda que o “gênero molde a perspectiva” (HOOKS, 2020a, p. 38), romper com os estereótipos de gênero é uma estratégia para que as identidades estratificadas não se calcem num modo de ser enrijecido, o qual impeça o respeito, a honestidade, a confiança e a justiça.

Ao considerar a realidade de trabalho ininterrupto e constante em que vivo agora, é como se eu estivesse num *game*, a cada fase que se passa, mais difícil fica, mais atenção é requerida, menos atenção e cuidado alheio você recebe, mais demandas aparecem, mais pessoas clamam por ajuda e mais próxima da morte estou. Em vários aspectos, deixei de ser mulher, ainda sou mãe, não tenho como viver sem ser professora. O que vivem aqueles que vivem da docência, senão servindo os outros? Na época em que escrevi o referido artigo, a complexa tarefa de formar pesquisadores e professores sequer estava em meu horizonte. Avaliar textos, fazer parte de bancas examinadoras, escrever pareceres e pareceres técnicos, ter compromisso com o estabelecimento de políticas públicas, lutar por uma ética efetiva das relações, nada disto, ainda, fazia parte de minha rotina. Escrevia e falava por mim e outras mestrandas e doutorandas, sem ter um rol de pessoas e projetos sob minha responsabilidade: projetos coletivos, que raramente dizem respeito a desejos pessoais: escrever versos livremente, postar o que gostaria, passar dias fazendo apenas o que tenho vontade. Outras coisas na vida, com o passar do tempo, também se complexificam e o quanto mais a vida transcorre, especialmente para as mulheres, mais comprometidas com outras pessoas, as que nos antecedem e inevitavelmente adoecem, ficamos. Por isso, pode-se dizer que, ao contrário do jogo eletrônico, no qual o jogador vai ganhando habilidades e se tornando melhor a cada fase, na vida de carne e osso, apesar da responsabilidade acumulada, quanto mais se avança, mais cansados, vulneráveis e fracos ficamos. Anos e anos de sala de aula, experiências de gestão, coordenação e orientações, trinta anos dividindo tudo com outra pessoa, me tornaram uma coisa outra, completamente distinta de quem pensou o feminino e seus cuidados, em especial, a casa. E, para essa que aqui escreve, a casa é também espaço de cultivo, no qual, todos fracassos viram bobagem quando nasce, num canteiro seu, uma rosa.

A casa se torna um lar quando o corpo de quem nela vive se estende a todo o espaço e todo o espaço é povoado de pequenas e plenas epifanias. Em alguns termos poderia se dizer deste espaço “sagrado”, porém aqui não se trata de separar forças divinas do mundano e sim afirmar a realização,

totalmente independente do arbítrio alheio, que uma casa pode significar. Os lares são territórios seguros, para proteção e cura, “espaço de acolhimento e cuidado” no qual pessoas podem “dar força umas às outras”(HOOKS, 2019, p. 105). Queremos que o mesmo aconteça na esfera pública, nas relações para além do círculo familiar, mas sabemos que isso não acontece facilmente. Nadya Tolokonnikova, ativista, artista nascida após a derrocada da Cortina de Ferro, aposta que somos capazes de fazer as instituições funcionarem melhor. Entretanto, arrefecer nossa confiança, a confiança em nós mesmos e a confiança entre uns e outros, é a melhor maneira de imobilizar as pessoas e enfraquecer as instituições. Trata-se de tornar as pessoas infelizes, não por impedimentos, mas sim por um convencimento tão grande de que não valem nada, que as torna incapazes de lutar por uma vida menos nefasta. Por isso, nas instituições não há compreensão, guarida, ajuda mútua, “ninguém está disposto a se sacrificar” (TOLOKONNIKOVA, 2019, p. 77). Há uma desvalia generalizada, se minha pessoa não vale nada, a instituição a qual respondo, também não tem valor. Acaba-se numa multidão de pessoas que não conseguem despende esforço algum nem mesmo para criar alegrias e belezas na própria casa, quiçá por uma instituição que pode ser a “casa” de muitos. Bell hooks chama a atenção ao tipo de políticas acadêmicas que coloca professores universitários “uns contra os outros”(HOOKS, 2019, p. 260), de modo que a ajuda mútua se torna rara e o fortalecimento da categoria profissional, centrada em currículos individuais, se torna cada vez mais pífio, evitando corporativismo e colaboração. Não se trata mais de relações verticais, de assujeitamentos, mas sim identificações representativas de subjetividades que falham e que são ridicularizadas: *cringes*. Este tipo de vida, amalgamado eletronicamente nos dispositivos móveis, enfraquece a saúde do corpo coletivo, joga filhas contra pais e mães, parceiro contra parceiro, companheiro com companheiro, colega contra colega. A sociedade estabelece relações feitas para que não se tenha compaixão por ninguém, não importa o lugar que você ocupe, a cor de sua pele, sua orientação sexual, suas crenças, o que você estudou ou deixou de estudar, de onde você venha, onde você está. Basta estar vivo para ter alguém que o acuse e aponte suas inadequações, seus defeitos, atire algo que faça arder estigmas que você nem imaginou que tinha. Aquele capaz de ler mais de três parágrafos e fazer “perguntas que incomodam” (TOLOKONNIKOVA, 2019, p.9), facilmente não será tolerado. Se você pensar e perguntar porque as coisas são como são, você se torna uma ameaça. Mas você só perceberá isso depois de uma sucessão de desencorajamentos constantes. Você precisa deixar de pensar, pois quem pensa deixa de comprar o que não precisa, quem pensa não aceita a manipulação de outrem, quem pensa para. Alguém que não cria dívidas, que não satisfaz o mercado, alguém que não rende lucros, este alguém precisa estar fora. Mas você prefere pensar, o que pode se

tornar horrível e inútil para o mundo e toda a ciência e pesquisa que você produz acabará irrisória frente ao que todo mundo consome. O sentimento de “desvalorização contínua” (HOOKS, 2020b, p. 227), a desumanização que bell hooks bem mostra na vida das mulheres negras estadunidenses, está aqui, contundente, embora não se trate de comparar. Não se tratar de medir o que cabe em cada situação, seja para as afrodescendentes estado-unidenses, seja para mestices de mil cores brasileiros, mas sim combater o que mutuamente aniquila umas e outras quando nos desviamos do problema comum que todos temos que resolver. Se o sistema acadêmico precisa ser um palco de crueldades, cujas submissões aceita-se ativamente, para podermos seguir nele, formando gerações sem as doenças que nos formaram, temos que encarar sua sintomática de frente. As humilhações, os rechaços entre pares e outras experiências que promovem adoecimento, especialmente a todos que são responsáveis por propagação e produção de saber, são estratégias letais que visam a própria aniquilação da ciência, da arte, da filosofia e das diversidades ancestrais cujos saberes são complicados de delimitar num campo. Quando trago este tipo de saber, arcano, ancestral, penso em saberes nenhuma das instâncias já mencionadas, arte, filosofia e ciência, comporta, saberes que nem sempre são aceitos, pois não cabem em “áreas de conhecimento”. A competitividade acadêmica é estimulada a fim de que se apague quem foi silenciado e coíba o que vem trazendo novos sons. Não permite renovação, tampouco resgate do saber arcano, vive em prol de um tipo de história exclusivamente centrada na dominação e em conquistas territoriais. A Terra, que tão bem sabemos ser extensão vital dos nossos corpos, é tão desapropriada quanto aquilo que os que defendem sua preservação pensam, criam e fazem. Este tipo de vida faz com que a Terra não possa ser considerada nossa casa, pois, caso contrário, não seria possível tratá-la tão mal. Ignora-se a ecosofia de Félix Guattari (1990), as subjetividades continuam sendo colonizadas, as máquinas continuam sendo utilizadas de modo predatório e o meio ambiente desrespeitado. Como, após tanto desenvolvimento, tantos avanços científicos, não avançamos nas relações humanas, na tolerância, no amor que bell hooks propõe cultivar para uma nova sociedade? Por amor temos aquela singularidade que se aprende em casa, aquela força que nos permite ser o que somos, a qual sonhamos que exista nas instituições acadêmicas e públicas. Trata-se de algo cultivado, exercitado, mas, para que possa existir, árduo trabalho psíquico precisa ser encarado.

PSICOPOLÍTICA ARDENTE

O filósofo coreano Byung-Chul Han evidencia as mudanças da sociedade disciplinar de Foucault. Diferente do que se constituiu no século XIX, o público deixa de ser homogêneo e passa a criar um espaço de embates e tensões, positivado por intolerâncias e movido por competitividade. De um modo bastante distinto do sujeito da obediência que caracterizou a sociedade disciplinar, aquele que se configura numa sociedade “transparente”, de controles subjetivos positivos, é o que Han chama “sujeito do desempenho”. Esse compete consigo mesmo, as sanções se tornam íntimas, as referências deixam de ser coletivas. As identidades de raça, classe e gênero tanto se demarcam em lutas e movimentos quanto se diluem e perdem nitidez, tamanha as múltiplas combinações nos câmbios discursivos de tais categorias. A sociedade industrial buscava se calcar em identidades imutáveis e papéis fixos que criavam segmentos subjetivos homogêneos; na sociedade do desempenho contemporânea, o sujeito tem que ocupar o máximo de papéis, preencher um rol bem amplo de quesitos, o sucesso depende de *branding* e isso é pessoalizado, exaltado como virtude. Tudo isso leva a desmobilização coletiva, “o impessoal só tem capacidade para a luta, mas não para concorrência”(HAN, 2017b, p. 91), de modo que a personalização das conquistas torna o social irrelevante. Han mostra como as tecnologias de poder estudadas por Foucault funcionam hoje de outro modo junto a sociedade digital operada por sujeitos cujas visibilidades e enunciações se esgotaram. Liberdade e controle estão identificados nos “panópticos digitais” (HAN, 2017b, p. 212) que carregamos conosco. Isto se justifica pela eficiência da autoexploração, que atinge mais resultados produtivos do que a exploração por outrem. No lugar do biopoder, Han traz a psicopolítica dos *big data*, da qual somente podemos participar uma vez acordando com seus termos, sem subjugações e submissões, mas capturados de forma definitiva. As prisões físicas nunca prenderam, em toda a sua história, como este tipo de dispositivo subjetivador, que nos encarcera animosamente. São aparatos psicopolíticos, os quais contabilizam o valor de uma vida por emoções positivas (curtidas, *likes*) e dispõem de técnicas para “vigiar até a psique”(HAN, 2017c, p.78). Estes indicam um modo de ser sempre inatingível, idealizado em imagens luminosas e bidimensionais. O que se consome, mesmo sem comprar, na luz dos monitores, alimenta angústias e a necessidade de seguir atrás de algo que não concerne ao que somos, num ciclo esquizofrênico que nada satisfaz, mas segue colocando capital em movimento.

Bell hooks mostra o quanto as mulheres negras crescem com palavras e atitudes que as convence de sua inferioridade. Apesar de ser considerada “branca”, apesar de todos os privilégios

que tenho como professora servidora federal, também me sinto em situações em que é “impossível vencer”(HOOKS, 2019, p. 165). Este sentimento assola a humanidade todos os dias, muitas vezes por dia, a rigor, seria tudo o que temos para compartilhar. Porém, o comportamento das pessoas é mostrar sucessos atrás de sucessos, mesmo que significados em pequenas conquistas e “boas” ações, reativamente. Internamente, o sintoma dessa sociedade que Han chama de “transparente”, “sociedade do cansaço”, cujo *topus* se dá na violência psíquica dos exames cibernéticos, é a culpabilização e, conseqüentemente, depressão. Como “o sentimento de ter alcançado uma meta definitiva jamais se instaura”(HAN, 2017a, p. 85), por mais que haja empenho, dedicação, tempo de execução de tarefas, a sensação é de que há um descuido muito grande, do qual jamais poderemos nos eximir, pois tudo está derruindo, especialmente as relações com a natureza e as relações entre seres humanos. Culpabilizar é se eximir de responsabilidades, em todos os âmbitos que estas alcancem. A ética responde não a obrigações morais e sim aos clamores do que se encontra. Ao se encontrar na Terra, aceitamos a magnitude de todas as suas forças e o fato irrefutável de que são inumanas. Embora da Terra se aparte, sem deixar de explorá-la, o ser humano é responsável pelo planeta, ainda que uns achem que a terra é plana, pois talvez seja insuportável compreender o astro que nos sustenta como um corpo vivo, tridimensional, pleno.

Quando clamei por “teorias que nos conectem com a existência, que nos façam refletir sobre nossas próprias vidas”, acreditava que sem tratar daquilo que vivemos, de nossos problemas reais, que também são os dos outros, toda uma ética se desenvolveria, nas relações, no dia-a-dia, no trabalho. O intuito era integrar pensamento, conceitos, aulas, sistemas abstratos com “cuidar e abastecer a casa, educar os filhos, ajudar amigos e parentes, entregar-se ou não aos amores, colocar-se profissionalmente, trabalhar e por fim produzir conhecimento” (ZORDAN, 2008, p.177). Comentei, já naquela época, que tal conexão parecia difícil, os obstáculos entre uma mulher e o trabalho intelectual eram muitos e a escrita de si surgia como exercício, como técnica para que as ligações fossem possíveis. Hoje, não consigo pensar que exista teoria o suficiente para que tenhamos pleno bem-estar no corpo, para que se possa resolver todos problemas de economia doméstica e nos fazer sentir algo melhor do que emoções anestésicas, apaziguadoras das dores reais, obtidas via entretenimento. O cansaço que Han toma do *animal laborans* de Hanna Arendt, mostra que o trabalho degrada a vida, uma vida ativa, plena. Especialmente para minha geração, ainda não afeita a criptomoedas, o trabalho se torna o único meio de garantia para uma sobrevivência básica, para obtenção de uma casa e pagamento de contas. O fracasso do eu-ideal, em sua violência autogerada, trava guerras sem vencedores frente a ilusão de que o capital “gera mais capacidade para viver”(HAN,

2017a, p. 107). Essa capacidade se mascara no transcorrer ininterrupto de tarefas e suas pontuações. “O sujeito do desempenho explora a si mesmo, até consumir-se completamente (*burnout*). Ele desenvolve nesse processo uma autoagressividade, que não raro se agudiza e desemboca em suicídio” (HAN, 2017a, p. 101). Vivemos em Guerra contra nós mesmos. Agressor é vítima, o explorador é o explorado e essa violência, a qual se passa por liberdade, se torna muito mais prejudicial do que a violência disciplinar da obediência hierárquica. “O imperativo do desempenho converte a liberdade em coação; em lugar da exploração estranha entra a autoexploração, sendo que o sujeito do desempenho explora a si mesmo até ruir.” (HAN, 2017b, p. 182).

Embora Han apresente o *Burnout*, sintoma que se aproxima da depressão, como “consequência patológica de uma autoexploração voluntária” (HAN, 2017a, p. 75) frente a dificuldade de sair de si mesmo em relação ao servir os outros, há um *burnout* familiar, conhecido de todas as mulheres, todas aquelas que, mesmo com a bexiga cheia não conseguiram sentar num vaso sanitário porque tinham que atender bebês, mexer a comida no fogão, girar o botão da máquina de lavar, recolher o pano úmido do assoalho, escrever um parágrafo, tudo isso ao mesmo tempo e mais algumas coisas como a dobra de uma manga e o tampar de uma caneta. Neste caso, o diálogo se torna impossível porque não há, naquele corpo, capacidade para mais uma função além de todas exercidas ao mesmo tempo em todos os tempos. Observo isso porque no jogo do dia a dia, tudo isso segue acontecendo, acrescido do aparelho telemóvel celular, com todos seus aplicativos, piscando com notificações de sucessivas mensagens que nos ofertam coisas e, no caso de alguns profissionais, pedem ajuda, a exemplo de alunes e orientandes que necessitam endossar suas decisões e mostrar seu desenvolvimento. Roseli Schnetzer e Cleiton Oliveira pesquisaram problemas e desafios frente a complexidade das ações do “professor-orientador”, o qual também forma formadores, especialmente nas relações, essas idealizadas em estudantes capazes de “participação ativa, crítica e coletiva” (SCHNETZER; OLIVEIRA, 2010, p. 198). Trata-se de uma relação institucional estabelecida em torno de partilhas de conhecimento, dentro da qual o orientador pauta horizontes para o desenrolar da pesquisa. No entanto, na intersubjetividade desta relação, anseios, sumiços, exigências, desesperos, abandonos, toda uma sorte de reações sintomáticas pode ser observada em detrimento do que realmente interessa e, em muitos casos, a pesquisa do orientador precisa ser colocada de lado a fim de acolher os interesses e processos de orientandes. Tais sintomas são o indício de *burnouts* coletivos, com mais ou menos incidência de acordo com cada tipo de pessoas envolvidas, disputas entre sujeitos dentro dos grupos e até pela natureza das instituições nas quais esta relação se estabelece.

Num projeto de pesquisa centrado nas aparelhagens disciplinares instituídas sobre o corpo

de infames, em especial o corpo das mulheres (ZORDAN, 2016a), poéticas para pensar como se dão as amarras, as submissões e os juízos que definem futuros em termos de aceite, mérito e inclusão. Sem me deter nas mãos com sexualidade não normativa e sim nos encarceramentos que o trabalho promove, criei um aparelho ortopédico simulado usado em situações acadêmicas. A casa, assim como os corpos individuais, envolvem mais do que um aparelho, porém, tudo o que gira em torno do funcionamento de casas, seja a que dormimos, seja nas quais trabalhamos, envolve pesadas maquinarias. Território maquínico, a casa também é corpo, dobra, toca, buraco. A série de desenhos *Mulher-casa*, de Louise Bourgeois, precursora de questões femininas em artes visuais, mostra que, independente da pessoas que ali habitam, a casa tem devir mulher. Ao se tratar das dificuldades em conciliar trabalho intelectual e inúmeras tarefas cotidianas, há uma fala, um cantar, um agitar, que é das iaiás, das sinhás, das mulheres, independente do gênero biológico. Não são hormônios que fazem alguém caber na categoria de “mulher”, o que se enquadra é uma vaga habitável, constituída por apetrechos vários. Há mulheres em homens, em não sexuados, em hermadroditas, frades, todos se tornam, em algum momentos, algo em uma casa que só a si, enquanto quem ali vive e habita, pertence, nem que a casa seja todo o planeta. O que interessa aqui, é a mulher enquanto força de uma casa. Deleuze e Guattari mostram como a arte começa na casa (1992). Em *Mil Platôs* trazem o conceito de ritornelo para demonstrar como os animais marcam territórios (DELEUZE; GUATTARI, 1997). O devir-animal, em suas nuances, se aproxima do devir-mulher. Os devires percorrem territórios, os constituindo. O fato de o território doméstico ter se constituído como feminino é uma longa estratificação histórica, da qual tratei em outros textos e pontuei, sob alguns aspectos, em *O cuidado feminino*. O que está em questão, hoje, extrapola o feminino e se coloca nos limites e nas elasticidades dos corpos. A tênue linha entre respeitar as necessidades próprias e não atropelar as prioridades alheias é bastante complexa, especialmente quando respondemos por instituições das quais a sociedade espera soluções e cobra prazos. Ainda sem a leitura de Han, orientei a tese de Marcio Tascheto da Silva, o qual, a partir de estudos de economia política italiana, em especial Antonio Negri, trata dessa necessidade insana de produtividade como uma “velocização”, sintoma da crise subjetiva da troca e início de milênio (ZORDAN; SILVA, 2018). O fato das universidades públicas, no Brasil, especialmente nas áreas de Artes e Ciências Humanas, pouco responderem aos apelos do mercado, faz com que os docentes sejam cobrados em vários âmbitos sociais, sendo a razão de sua existência questionada em muitas instâncias, mesmo dentro da própria Universidade. A desaceleração não foi tolerada nem mesmo frente a pandemia da COVID-19, a qual denotou outros assujeitamentos discursivos e mesmo visuais. A desconstrução subjetiva vira uma linha de

desubjetivação radical. Somos coagidos a desprezar o próximo e a criar constrangimento em relação ao que nos acontece, pois aprendemos que quando somos passivos reduzimos “a possibilidade de ataque” (HOOKS, 2020 a, p. 98) por parte dos outros. Não entrar em conflito é uma maneira de se preservar e não parar de trabalhar, cada vez com mais velocidade, faz com que as submissões não pareçam tão subjugadoras.

Quem defende acirradamente a Terra, quem produz o que desacomoda, quem faz pessoas modificarem modos de ser por suas técnicas e ações é tomado como “pernicioso”. Apontar inimigos e culpabilizar quem questiona é o modo de inviabilizar técnicas filosóficas, terapêuticas, clínicas, pedagógicas, junto as quais uma vida mais sustentável e mais amigável, colaborativa, pode existir. Como bell hooks observa, “o desamor é uma benção para o consumismo” e uma cultura que privilegia mentirosos favorece “a publicidade predatória” (HOOKS, 2020a, p. 89). Por isso todos os aparatos subjetivadores sustentam narrativas nas quais temos que combater o “mal”, sendo o que realmente nos faz mal é não olharmos uns para os outros e sim para as telas que me fazem ver o outro como meu “inimigo”. Quanto mais nos ajudarmos, combinando confiança mútua, responsabilidade e compromisso com outrem, menos poder de coação haverá sobre nós. Por isso, a ativista russa, presa por se contrapor aos abusos de poder em seu país, clama pelo direito a informações de todos os lados, que apresentem amplas perspectivas dos fatos. O que hoje se propaga no Brasil não são exatamente notícias e sim convencimentos em torno de verdades arbitrárias, via manipulação de informações por meios estatais ou empresariais. Aprendemos valores com o entretenimento, porém, notícias, muito mais do que os textos filosóficos e científicos, determinam aquilo que passamos a encarar como “fato”. Num mundo de egoísmos e prevaletismos narcísicos ninguém quer pagar para alguém pensar, muito menos pagar para fazer com outros pensem e se unam em torno de ações em comum, fortalecendo uns aos outros. Quem não pensa, aponta, reprime, pune, calunia. O fato de sermos caluniados, repudiados, acusados, pode ser o mote para criarmos um novo modo de vida. Mas como lutar por um outro modo de vida, quando nenhuma perspectiva é dada? Isto tudo se agrava quando, por falta de políticas previdenciárias, as perspectivas finais para a vida de quem desempenhou funções em troca de sustento não garantem um mínimo de confortos, tampouco os melhores medicamentos. As condições para uma subsistência digna implicam saneamento básico, assistência médica e educação.

Sem educação ninguém consegue compreender o caráter da informação recebida. A educação garante que a informação tenha embasamento científico atualizado, que respeite os responsáveis pelos conhecimentos em processo e facilite que se compreenda como múltiplos pontos de vista podem

variar. O problema é quando a educação vira coação que conduz a um só modo de ver as coisas, impedindo o diálogo com os demais, tornando quem é coagido “indigno”. Sem dignidade, o brasileiro sofre da síndrome de “vira-lata”, sintoma que abate a identidade do brasileiro desde o pós-guerras, nas sucessivas derrotas, como bem assim designou Nelson Rodrigues (OLIVEIRA JR., 2019). As perspectivas mudam, os contextos ficam totalmente diferentes, mas alguns pontos de embate e tensão permaneçam iguais. De algum modo, o Urugay segue com seus troféus e o Brasil continua padecendo. São quase setenta anos que dramaturgos e intelectuais tratam do complexo de inferioridade dos brasileiros e as múltiplas possibilidades de leitura destas “degenerações” implicadas, em especial, na miscigenação. A falta de reconhecimento dos méritos do Brasil são os mesmo que sentimos, dia após dia, com o convencimento de todas nossas “desimportâncias”, para parafrasear o poeta Manoel de Barros em *O apanhador de desperdícios* (2006. pp. 73-74). Assim, quando brasileiros não identificados com a riqueza natural e sincrética do país são incitados por um líder que faz dos cachorros comuns, gado humano, estes, armados, sentem-se lobos vorazes. Há, nesse brasileiro “médio”, vira-lata negacionista, um sede de estar certo, uma necessidade de mostrar suas conquistas, triunfar sobre os outros, achacar o diferente. Sem conseguir dialogar, o prevalecimento de sua imagem parece ser o único sentido de sua vida. Isto provocou, em plena pandemia, o escancaramento absurdo da síndrome de Dunning-Kruger em ditos “especialistas” em saúde e outros assuntos. Tal síndrome mostra, estatisticamente (KRUGER; DUNNIG, 1999), o quanto indivíduos com menos conhecimentos e com perspectivas mais estreitas em relação à ciência e à filosofia tem mais confiança em suas crenças e apresentam “certezas” no que dizem. De algum modo, pode-se dizer que, sem compreender a complexidade de todos problemas éticos envolvidos nos sistemas de conhecimento e, ignorando totalmente métodos científicos, tais “donos da verdade” enunciam sentenças de modo mais enfático do que os que pensam perspectivamente todas as camadas da questão. Tal síndrome, reativa ao complexo de vira-latas, explica a ignomínia das mitificações bolsonaristas, fruto do ressentimento brasileiro, perante intelectuais, cientistas e acadêmicos, reação que também pode ser observada em outras facções partidárias e militantes. O vira-latismo está presente na construção subalterna que assola o modo do Brasil operar, tendo consequências econômicas graves, sendo que um estudo sobre as Normas Internacionais de Relato Financeiro mostra como “as iniciativas políticas tomadas ao longo de nossa formação histórica não tinham como objetivo, de modo geral, atender a necessidades locais de desenvolvimento, mas apenas facilitar a exploração máxima de nossos recursos naturais” (HOMERO JR, 2017). Nadya Tolokonnikova mostra as fragilidades da democracia e o quanto, se não nos posiciormos, tudo pode piorar. Não

se trata apenas do futuro do planeta e, sim, do que será da humanidade. Já temos conhecimentos suficientes para saber que acúmulos de riqueza e ambição autocentrada são devastadoras para povos e nações. Todos temos direito de conhecer os fatos da vida e as forças da natureza, para pensar para além das falsas notícias, revisar os erros, compreender alguns desastres como aprendizagem, assim podemos unir forças para mudar a situação. “Se estivermos sendo conduzidos por idiotas egoístas, o futuro nunca será próspero” (TOLOKONNIKOVA, 2019, p.130). Quanto mais nos ajudarmos, combinando confiança mútua, responsabilidade e compromisso com outrem, menos poder de coação haverá sobre nós e melhor moldaremos o destino de todos os seres do planeta.

ARTE SALVA

Imagem 1 e 2: Performance Rosas



Fonte: Paola Zordan. Fotografia Andrea Hofstatter, 2016.

Em 2011, no lago do Congresso Nacional, Eduardo Srur, junto a duzentos participantes, lança no lago projetado por Neimeyer trezentas e sessenta bóias salva-vidas de plástico laranja, adesivadas com a frase “a arte salva”. Para o artista, trata-se de uma “ação com poder” (SRUR, 2012, p. 140), para mim, o trocadilho envolve também o enunciado “ciência cura”. Hoje, o desrespeito à ciência mata. Em 2016, coordenando um projeto de avaliação de alcance nacional, mergulhei minha cabeça neste lago, compondo um protesto-compromisso quanto a estar com a cabeça imersa no Brasil, o qual seguia uma série de performances que trabalho com flores brancas junto à miríades de tarefas

domésticas e institucionais, trabalho poético performático, sempre em aberto, denominado *Exercícios Ortopedoxizantes Líricos* (ZORDAN, 2016b). O quadro para derrocada da primeira mulher presidente do Brasil estava formado e como artista, só me coube um manifesto de paz, assistido pela colega que o registrou e pelos seguranças do complexo.

Imagem 3: Performance Rosas, Congresso Nacional



Fonte: Paola Zordan. Fotografia Andrea Hofstatter, 2016.

Pessoas, sozinhas e em grupos, precisam acreditar que tem poder, que podem mudar algo. Neste sentido, a arte é mais do que “necessária para trazer prazer e beleza para vidas difíceis, materialmente carentes”(HOOKS, 2019, p. 215) e sim, na expressão esquizoanlítica de Deleuze e Guattari, a arte é o que levanta uma “máquina de Guerra”. Para Virginie Despentes, cineasta francesa que pensa sua experiência com prostituição, as dificuldades também nos tornam mais fortes. “Quando não temos o que nos gabar, somos, na maioria das vezes, mais criativos.” (DESPENTES, 2016, p. 8). Fazer arte sem recurso, sem fomento, sem apoio social, sem credibilidade da crítica, sem elogios ou compreensões, sem público comprador, é uma política, uma resistência, uma saúde. Louise Bourgeois, uma das primeiras artistas mulheres consagradas no sistema artístico internacional, escreve, no ano 2000, num papel cor-de-rosa: *art is a guaranty of sanity*, “a arte é uma garantia de sanidade”. Uma russa, uma negra estado-unidense, coreano, franceses. Por mais que suas palavras seja certas, o que podem dizer tais autores a nós, brasileiros que testemunham desrespeitos sucessivos à Constituição Federal, sob ameaças ditatoriais sem precedentes nas terras tupiquins? O que dizer aos povos originários estão enfrentando milícias armadas e recebendo ameaças a seus

territórios? O que resta quando a arte é tratada como algo inútil e as reservas naturais, em todos seus biomas, não estão sendo respeitadas? Mulheres cis e trans, pessoas, homens trans e cis, não-binários, assexuades, gente proativa que não se deixa desanimar, segue, sem ganhos, criando alternativas para não perder a alegria e escapar de encarceramentos ideológicos.

Imagem 4: Oferenda à Mãe das Águas. Congresso Nacional



Fonte: Paola Zordan. Fotografia Paola Zordan, 2016.

Quando pensamos, independente de sermos caboclos, filhes de santo, ialorixás, ciganas, agricultores, professores, artistas, observamos que na natureza nada concorre, não há competição, apenas devoração e assimilação. O mundo não humano celebra um sistema de forças que, mesmo assombroso, nos sustenta e nos maravilha. Trazer tais forças para as instituições humanas é fazer com que tais espaços deixem de ser arenas para disputas que se pautam em interesses individuais e partidários, para torna-los espaços que favorecem o exercício geopolítico, no quais nos sentiremos, efetivamente, em casa. Uma casa, seja a nossa, seja uma sala de aula, seja o Senado, seja o Congresso, pode ser um espaço de encontros e alegrias, onde “o amor pode florescer”(HOOKS, 2020a, p. 105), interligando e fortalecendo todos os tipos de vida. Quanto mais nos ajudarmos, combinando confiança mútua, responsabilidade, assumindo compromissos com o bem estar não apenas dos grupos com quem nos identificamos, mas com todos grupos e segmentos, menos coações haverá sobre nós. Estar em casa na Terra implica não mais temer a diversidade de suas forças e sim celebrá-las. Neste intuito, performar com as flores brancas das iabás, se conectar com à água e os seres da natureza, mesmo na artificialidade urbanizada, é tanto um ato devocional como uma manifestação política.

As implicações do marianismo, com todas suas ambiguidades feministas, as quais se tornaram

foco de minha pesquisa atual, já estavam presentes nas considerações de *O Cuidado Feminino*. A figura da “Rainha do Lar” é pensada a partir da ascensão da figura de Nossa Senhora e dos valores promovidos pela sociedade moderna colonial, especialmente em relação a resignação e ao silêncio. “Não é por acaso que todas as boas moças, ou quase todas, depois de uma certa idade, tentem não chamar muita atenção.” (DESPENTES, 2016, p. 100). Por outro lado, a “Mãe do Céu” se torna ícone pop (ZORDAN, 2017) e símbolo de “empoderamento” feminino (ESTÉS, 2012), ou seja, afirma, em suas variedades a força da mulher em seus múltiplos papéis e funções. Seu aparente silêncio, repleto de mensagens e ensinamentos que seu próprio corpo, em dor, gozos e glórias, desvela enquanto mistérios. Hoje a figura feminina ainda está presente em minhas pesquisas, embora eu não tenha me tornado uma pesquisadora culturalista que trate de gênero e sim uma professora transdisciplinar que pesquisa e escreve somente quando sobra tempo depois de todas as tarefas para outrem terem sido cumpridas. E por pesquisa, agrego minha produção em artes, a qual ocupa as capilaridades do sistema procurando inserções participativas e colaborativas, mesmo que, no caso da pintura, da colagem e do desenho, sejam imagens autorais. Trabalho com as multiplicidades da figura que encontramos como “a Grande Mulher, Santa Maria, Mãe Mer, *La Nuestra Señora*, *La Mera Mera* (o sentido e causa final)”, uma força que aparece na natureza, em “inúmeras feições” (ESTÉS, 2012, p. 69). A imagem da mulher se torna campo de criações muito diversas, todas ancorando aquelas singularidades que o amor, no corpo e na casa, abraça.

Com o tempo, aprende-se que poucas coisas na vida são frutos de escolhas e sim acontecem de acordo com urgências as quais não podemos seguir indiferentes, caso contrário feriremos toda uma ética interpessoal. No entanto, ao me deixar levar por fluxos, por forças, numa aceitação que se dá entre o esquecimento e o combate, respondo a questões que me são apresentadas. Cada pessoa tem sua maneira, sempre singular, de pensar, não apenas seu presente, mas também o passado, a fim de poder lidar com o que lhe reserva o futuro. O que podemos escolher são textos nos trazem e, se a sua maneira de responder aos questionamentos que a vida traz é poética, você não consegue abrir mão de fazer poemas, mesmo que tudo seja perdido, esquecido e ignorado. Depois de todo seu pensamento ter sido transfigurado, despersonalizado pelos mares revoltos do pensamento nômade, é quase uma transgressão. Voltar a bell hooks, que iniciou todo um atravessamento de fronteiras discursivas, inspira este ensaio a assumir, um tom confessional, pessoal, remissivo, que algumas ascensões filosóficas tomam como abjeto. Adjetivos pouco definem os valores que nos interessam. Aqui, quem escreve deixou de ter identidade, ainda que apresente um nome, ainda que tenha um currículo, por mais estranho que pareça. Sem categorias suficientes que a possam expressar, os problemas de ser

mãe, professora, trabalhadora doméstica, motorista, *cheff*, secretária, não importam, o papel não vale, mas sim o quanto o que está sendo feito torna o mundo melhor. O que vale é a atitude, sem gênero, em todos os gêneros, que não permite que descuidemos do Brasil e de todo planeta. As representações, o falar por um determinado tipo psicossocial, reproduzir um discurso de classe, dando demarcações políticas ao que efetivamente atinge os corpos, existem para serem transpostos. Ao pensar o amor como ação que derrota o medo e combate julgamentos cerceadores, o cuidado se torna uma resposta a qual não precisamos “cuidar” para que demonstre o que vale.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2011.

BARROS, Manoel de. **O apanhador de desperdícios**. In. PINTO, Manuel da Costa. *Antologia comentada da poesia brasileira do século 21*. São Paulo: Publifolha, 2006.

DESPENTES, Virginie. **Teoria King Kong**. Trad. Márcia Bechara. São Paulo: n-1, 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs v. 4**. Rio de Janeiro: Ed.34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Libertem a Mulher Forte**. Trad. Wáldea Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O Estatuto Pedagógico da Mídia: questões de análise**. In: *Educação & Realidade*. Porto Alegre: no 22, vol.2, p.59-80, jul./dez.1997.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt, 21ª edição. Campinas: Papirus, 2012.

HAN, Byung-Chul. **A sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017a.

HAN, Byung-Chul. **Topologia da violência**. Petrópolis: Vozes, 2017b.

HAN, Byung-Chul. **A sociedade da transparência**. Petrópolis: Vozes, 2018a.

HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital**. Petrópolis: Vozes, 2018b.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Belo Horizonte: Âyné, 2018c.

HOMERO Jr, Paulo Frederico. *O Complexo de Vira-Lata no Discurso Acadêmico Brasileiro sobre as IFRS. Sociedade, Contabilidade e Gestão*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, mai/ago2017.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Trad. Stephanie Borges São Paulo: Elefante, 2020a.

HOOKS, Bell. **E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo**. Trad. Bhuvli Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020b.

HOOKS, Bell. **Anseios: raça, gênero e políticas culturais**. Trad, Jamille Pinheiro. São Paulo: Elefante, 2019.

KRUGER, Justin; DUNNING, David. *Unskilled and Unaware of it: How Difficulties in Recognizing One's Own Incompetence Lead to Inflated Self-Assessments*. **Journal of Personality and Social Psychology**, 77(6), 1121–1134. Dec. 1999.

OLIVEIRA JR, Eduardo F., *Do complexo de vira-lata ao multiculturalismo cru*. **Revista Científica Doctum: Multidisciplinar**. Caratinga. v. 1, n. 2, 2019.

RISERIO, Antonio. **Mulher, casa e cidade**. São Paulo: Ed. 34, 2015.

SCHENETZLER, Roseli Pacheco; OLIVEIRA, Cleiton (orgs). **Orientadores em foco: o processo de orientação de teses e dissertações em Educação**. Brasília: Líber Livro Editora, 2010. “

SRUR, Eduardo. **Manual de intervenção urbana**. São Paulo: Bei Comunicação, 2012.

TOLOKONNIKOVA, Nadya. **Um guia Pussy Riot para o ativismo**. Trad. Jamille Pinheiro Dias; Breno Longhi. São Paulo: Ubu, 2019.

ZORDAN, Paola. **PRINCESAS: produção de subjetividade feminina no imaginário de consumo**. Curitiba: CRV, 2019.

ZORDAN, Paola. Virgem Senhora Nossa Mãe Paradoxal. **História: Questões & Debates**. Curitiba, v. 65, n.2, p. 239-263, jul./dez. 2017.

ZORDAN, Paola. *Ortopedoxia: mãe, mulher, professora, pesquisadora, artista*. In: ROMANGUERA, Alda; AMORIM, Antonio Carlos. (Org.). **Conexões: Deleuze e Máquinas e Devires**. 1ed. Rio de Janeiro: DP et Alli, 2016a, v. 1, p. 139-151.

ZORDAN, Paola. *Flores Brancas: exercícios líricos*. In: **Seminário Iberoamericano sobre o Processo de Criação nas Artes**, 2016, Vitória/ES. Poéticas 2016b. Vitória: UFES, 2016. v. 1.

ZORDAN, Paola. *O cuidado feminino*. **Margens** (UFPA), v. 4, p. 157-196, 2008.

ZORDAN, Paola. B. M. B; SILVA, Marcio. T. da. *Figuras da Crise, cidades e educação*. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 23, e230099, p. 1-23, 2018.